

## A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA E NO MOVIMENTO FEMINISTA E DE MULHERES

Liria Ângela Andrioli\*  
Rosângela Angelin\*\*

### RESUMO

O presente artigo aborda a influência da religião cristã na construção da identidade das mulheres e no movimento feminista e de mulheres. Com o avanço da humanidade as relações de gênero passaram por inúmeras alterações e, hoje, configuram-se como construções culturais objetivas e subjetivas de poder que passaram a determinar o papel social das identidades masculinas e femininas. Entre estas subjetividades, encontram-se as manifestações religiosas que contribuíram para a formação da identidade feminina. Também é possível vislumbrar que, seja pela repressão contra as mulheres ou pelo apoio libertário, a religião cristã contribuiu com os processos de resistência do movimento feminista e de mulheres e nas lutas pela conquista de equidade nas relações de gênero.

**Palavras-chave:** Identidade. Mulheres. Religião. Movimento Feminista.

### ABSTRACT

The present article addresses the influence of the Christian religion on the construction of women's identities and on the feminist and women's movements. With the advances of humanity, gender relations have gone through many changes, and today, they are configured as objective and subjective constructions of power that begin to determine the social role of male and female identities. Among these subjectivities, religious manifestations can be found, that contributed to the formation of feminine identity. It is also possible to point out that, either by the repression against women or by the liberationist support, the Christian religion contributed to the resistance processes of the feminist and women's movements and to the fights for achieving equity on gender relations.

**Keywords:** Identity. Women. Religion. Feminist Movement.

Abordar a temática das relações de gênero envolve sempre muito cuidado, principalmente ao se deparar com a “naturalização” dos papéis tomados como corretos para seres humanos do sexo masculino e do sexo feminino. Quebrar paradigmas, estudar as mulheres que ainda são classificadas como seres humanos

---

\* Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ, na linha de pesquisa: “Educação popular em movimentos e organizações sociais”. Bolsista Capes/Fapergs. Integrante da Marcha Mundial de Mulheres. E-mail: [liriaandrioli@yahoo.com.br](mailto:liriaandrioli@yahoo.com.br).

\*\* Doutora em Direito pela Universidade de Osnabrück (Alemanha). Docente do Programa de Pós-graduação em Direito *strictu sensu* – Mestrado e da Graduação em Direito da URI Campus Santo Ângelo-RS. E-mail: [rosangelaangelin@yahoo.com.br](mailto:rosangelaangelin@yahoo.com.br).

não tão importantes quanto os homens, embora se diga que homens e mulheres são “iguais”, é um desafio ainda maior, pois está se tratando de fatores subjetivos que moldaram e construíram identidades, naturalizando comportamentos.

As relações de gênero, portanto, passaram por inúmeras alterações no decorrer da história da humanidade e hoje configuram-se como construções culturais de identidades masculinas e femininas, envolvendo relações de poder e impondo comportamentos aos homens e às mulheres que nem sempre se estabelecem através da coerção física, mas também através da subjetividade das relações humanas, neste caso, em especial, a religiosidade.

Sendo assim, o presente artigo pretende analisar a construção da identidade das mulheres no decorrer da humanidade sob o enfoque da influência da religião<sup>1</sup> em especial a cristã, procurando, de forma bastante breve, demonstrar a influência desta na formação da identidade das mulheres na atualidade, bem como vislumbrar de que forma a religiosidade<sup>2</sup> e a religião contribuíram, seja pela repressão contra as mulheres ou pelo apoio libertário, nos processos de resistência do movimento feminista<sup>3</sup> e de mulheres<sup>4</sup> e nas lutas pela conquista de equidade nas relações de gênero.

## SER MULHER: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO CULTURAL E DE PODER

No decorrer da evolução da espécie, o ser humano tem se adaptado ao meio ambiente e o transformado. Mais importante do que isso, porém, é considerar que as pessoas são seres sociais e que esta adaptação ao mundo depende das relações construídas por esta espécie que necessita, impreterivelmente, de seu grupo para se humanizar, criar culturas através de identidades.

A identidade, por sua vez, envolve não apenas o mundo, mas também a forma como o ser humano vive e constrói sua história, “[...] à forma como vive [...] na

---

<sup>1</sup> “Etimologicamente, essa palavra significa provavelmente ‘obrigação’, mas segundo Cícero, derivaria de *relegere*: Aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino e, por assim dizer, os reliam atentamente foram chamados de religiosos – de *relegere*.” (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 998, grifos do autor).

<sup>2</sup> Entende-se por religiosidade as subjetividades que se apresentam como manifestações religiosas e culturais que vão moldando aos poucos o processo identitário das relações humanas.

<sup>3</sup> É um movimento organizado predominantemente por mulheres que lutam internacionalmente pela equidade nas relações de gênero.

<sup>4</sup> É considerada uma organização de mulheres que se une, na maioria das vezes, por pautas diferenciadas do movimento feminista emancipatório. Envolve, prioritariamente, uma categoria das mulheres, geralmente distinto por etnias, pelo espaço urbano e rural (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Urbanas, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Movimento de Mulheres Camponesas) ou então por uma reivindicação específica.

sua maneira de idear e de manipular o seu mundo histórico e, também, o modo como ele constrói sua projeção introspectiva e estética do mundo.”<sup>5</sup>

Pelo fato de as identidades dependerem das relações humanas, estas jamais são construídas isoladamente. Muito pelo contrário, a construção da identidade é firmada diante da existência de outros diferentes de mim.<sup>6</sup> Taylor aponta a dialógica como um aspecto para a construção das identidades: “[...] a identidade humana é criada *dialogicamente*, como reacção às nossas relações, incluindo os próprios diálogos com os outros.”<sup>7</sup> Esta relação dialógica, portanto, está envolta em relações de poder e é uma construção histórica e cultural das sociedades.

Tão importante quanto o processo de construção da identidade é a exigência do reconhecimento desta que, muitas vezes, pode perpassar por um reconhecimento incorreto, prejudicando a pessoa ou o grupo que o compõe.<sup>8</sup> A ocorrência do reconhecimento *incorreto* ou *equivocado* de identidade gera desigualdade social e, muitas vezes, opressão. Neste contexto, Wolf ressalta que no caso das mulheres não existe a falta de reconhecimento de sua identidade e, sim, um reconhecimento equivocado.<sup>9</sup> No caso das mulheres, estas já possuem sua identidade reconhecida: de opressão, exploração e submissão.<sup>10</sup> Assim, o que as mulheres buscam não é o reconhecimento de sua identidade, mas primeiramente, uma desconstrução desta identidade e a construção e o reconhecimento respeitoso de uma nova identidade que não seja excludente e subjugada.<sup>11</sup>

Neste processo de construção de identidade, McLaren<sup>12</sup> atenta para a importância das narrativas, afirmando que as identidades são resultados parciais da narrativa da vida social, uma vez que possui um poder elevado de socializar,

<sup>5</sup> SIDEKUM, Antônio. Alteridade e interculturalidade. In: SIDEKUM, Antônio [Org.]. **Alteridade e multiculturalismo**. Coleção Ciências Sociais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p. 266.

<sup>6</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da [Org.]. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 74.

<sup>6</sup> SILVA, In: SILVA, 2000, p. 74.

<sup>7</sup> GUTTMANN, Amy. Introdução. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994, p. 25.

<sup>8</sup> TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994, p. 45.

<sup>9</sup> As diferenças biológicas entre homens e mulheres, por si só não geram desigualdade. O problema acontece quando estas diferenças são utilizadas para dominar e subjugar as mulheres, gerando uma relação de poder sobre elas e, a consequente desigualdade.

<sup>10</sup> WOLF, Susan. Comentário. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994, p. 96.

<sup>11</sup> Neste sentido, os movimentos de mulheres e movimentos feministas têm contribuído muito. Vale lembrar que a resistência das mulheres perpassou culturas e segue ativa.

<sup>12</sup> MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. Tradução Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997, p. 162–167.

introduzir os seres humanos em estilos de vida e, ao mesmo tempo, informa teorias, ideologias e práticas sociais.

Diante da construção de uma cultura, além dos elementos objetivos que são perpassados e assumidos na composição da identidade, estão muito presentes os aspectos subjetivos, manifestados por esquemas inconscientes e determinantes da identidade individual e social. É justamente neste contexto que Bourdieu evidencia que o estudo da dominação masculina perpassa por uma análise etnográfica, ou seja, por uma estrutura objetiva e formas cognitivas sociais e históricas. O que cabe aos homens e às mulheres é ensinado racionalmente e subjetivamente pelo que o outro denomina *habitus*.<sup>13</sup> Portanto, o *habitus* “[...] é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.”<sup>14</sup>

Não se pode ignorar também, outro aspecto da dominação subjetiva que pode ser encontrado na chamada “vocaçãõ” feminina, abordada por Bourdieu, onde as mulheres estão predispostas a aceitar a submissão como naturais, inquestionáveis e impostas sob seus corpos.<sup>15</sup> Essa incumbência “vocacional” se torna evidente em várias áreas da vida da mulher, nas quais esta assume a condição de submissão em nome do “amor” à família, bem como a função do equilíbrio emocional da vida dos homens e de todos os membros da família<sup>16</sup>, papel este reforçado, principalmente pela religião.

## **A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE E DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES E NO MOVIMENTO FEMINISTA E DE MULHERES**

Nesta seção, procurar-se-á vislumbrar a influência da religiosidade e da religião na construção da identidade das mulheres e no movimento feminista e de mulheres, buscando, para isso, compreender através de elementos históricos e teológicos, os mecanismos utilizados pelas religiões, principalmente a cristã, para a construção da identidade feminina.

---

<sup>13</sup> De acordo com Bourdieu “[...] incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas de ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação.” (BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 13).

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 41.

<sup>15</sup> BOURDIEU, 2003, p. 73.

<sup>16</sup> Nesse sentido, podem ser citadas as obrigações domésticas que são realizadas pelas mulheres de forma gratuita, em nome do amor destas para com sua prole e seu marido, mesmo que signifiquem uma jornada dupla de trabalho.

Pesquisas arqueológicas evidenciam que os seres humanos, do período paleolítico e neolítico viviam em um sistema de parceria entre mulheres e homens, sendo as mulheres veneradas em todas as sociedades agrícolas antigas, diante de seu poder de gerar a vida e, com isso, manter a espécie humana.<sup>17</sup> Assim, pressupõe-se que o culto à deusa seja uma das religiões mais antigas, tendo perdurado por mais tempo na história.<sup>18</sup> No princípio da civilização humana “[...] a vulva era venerada como o portal mágico da vida, possuindo o poder tanto de regeneração física quanto de iluminação espiritual e transformação.”<sup>19</sup> Isso não significa que a relação social era marcada pelo matriarcado, e sim, pela matrilinearidade.<sup>20</sup>

A naturalização da opressão das mulheres foi uma construção “eficiente” no decorrer dos milênios, reforçada também através dos mitos, contos e da religião, que intensificavam o papel de submissão imposto às mulheres. Aliado a esta ideia, difundiu-se e forçou-se um pensamento de que às mulheres era reservada uma vida dura no mundo privado, impregnada de dissabores e de servidão. Estes valores perduraram por muitos milênios na humanidade e tiveram o apoio irrestrito da religião cristã.

Vale lembrar que, atualmente, como forma de justificar a submissão “natural” das mulheres, utiliza-se o livro da Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, onde as “[...] leis criadas por essa casta masculina dominante definiam as mulheres como propriedade privada dos homens [...]. Primeiramente pertenciam a seu pai. Depois [...] a seus maridos e senhores [...].”<sup>21</sup> Também os símbolos do cristianismo são patriarcais, e criou-se uma cultura de obediência cega à figura masculina que vai

<sup>17</sup> Esta teoria é desenvolvida por Riane Eisler na obra “O Cálice e a Espada: nosso passado, nosso futuro” (Editora Palas Athena, 2007), bem como na obra “O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo” (Editora Palas Athena, 1996) e retrata descobertas arqueológicas que evidenciam um período onde as mulheres não eram discriminadas e oprimidas, o que não significa dizer que estas oprimissem os homens. Ao contrário, vivia-se num ambiente de cooperação e parceria entre os sexos, embora a divisão do trabalho já fizesse parte do ambiente social. Também a teóloga Rosemary R. Ruther, em sua obra “Sexismo e Religião” (Editora Sinodal-EST, 1993) aponta a existência de um período onde a figura feminina era considerada deusa.

<sup>18</sup> RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e Religião**: rumo a uma teologia feminista. Tradução: Walter Altmann, Luís Marcos Sander. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1993, p. 46.

<sup>19</sup> EISLER, Riane. **O prazer Sagrado**: sexo, mito e política do corpo. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena 1996, p. 27.

<sup>20</sup> O “matriarcado” é a definição de uma relação de poder onde os homens estão submetidos ao poder das mulheres. As evidências históricas não demonstram esta relação e sim, uma relação de “matrilinearidade” onde a sucessão é contada a partir das mães. (RUETHER, 1993, p. 47)

<sup>21</sup> EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007, p. 151.

desde Jesus até os apóstolos, pais, padres, etc., a qual passou a ser o centro da religião patriarcal que gera a opressão e o autoritarismo.<sup>22</sup> Fica claro, porém no Novo Testamento, que Jesus Cristo pregava a não violência e o amor ao próximo, sem distinção de sexo.

Karen Bergesch realiza em seu artigo denominado “Tramando conhecimento feminista”<sup>23</sup>, uma retomada histórica acerca da visão da mulher dentro da igreja e ressalta a passagem bíblica “[...] de Paulo, em 1 Coríntios 11.3, que afirma ser o homem a cabeça e a mulher o corpo”, o que colaborou para a subordinação da mulher. Tal passagem, segundo a referida autora, serviu para justificar a falta de acesso das mulheres a muitos direitos de cidadania, como por exemplo, votar e ser votada, de registrar propriedades e de poder representar a si mesma. Em outras palavras, eram propriedade exclusiva de seus maridos ou pais.<sup>24</sup> Seguindo a análise de textos bíblicos, Bergesch aponta que, na história cristã, as mulheres eram mais responsáveis que os homens pelo pecado original (Gênesis 3).<sup>25</sup> Uma das justificativas para estas características atribuídas às mulheres era fundamentada no papel assumido por Eva, a qual foi considerada a grande culpada pela queda do gênero humano. Como punição pelo “pecado” cometido, Eva teria de se submeter a tudo, sofrer e “[...] ser governada por um Deus vingativo e seu representante terreno, o homem.”<sup>26</sup> Esta submissão imposta para a mulher fez com que a mesma fosse “[...] assimilada à fraqueza da carne, à sensualidade, à volúpia, à tentação, ao pecado, enfim, considerada um ser humano pela metade.”<sup>27</sup>

Vale ressaltar que muitas mulheres vivenciaram e vivenciam esta condição acreditando ser seu “destino”. Gebara pondera que, “[...] a maioria das mulheres tornou-se Eva, incorporando para si a responsabilidade pela origem da maldição.”<sup>28</sup> Sendo assim, pode-se afirmar que a mulher foi simplesmente reduzida a objeto de

<sup>22</sup> GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p. 156-157.

<sup>23</sup> BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUNFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara [Orgs.]. **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2008, p. 144.

<sup>24</sup> BERGESCH, in: NEUNFELDT, BERGESCH, PARLOW, 2008, p. 118.

<sup>25</sup> Vale destacar que a Bíblia tem duas versões diferentes acerca de como Deus criou os seres humanos: “A primeira diz que a mulher e o homem foram criados simultaneamente por Deus. A Segunda, mais elaborada, diz que Eva foi criada depois, a partir da costela de Adão.” (EISLER, 2007, p. 141)

<sup>26</sup> BERGESCH, in: NEUNFELDT, BERGESCH, PARLOW, 2008, p. 118.

<sup>27</sup> GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 28.

<sup>28</sup> GEBARA, 1990, p. 31.

sua sexualidade, ou então, idealizada “[...] na imagem da mulher por excelência, Maria, Virgem e Mãe que tenta resgatar a imagem da mulher de toda a fraqueza e mal que lhe foi imputado”.<sup>29</sup> A imagem de Maria expressa “[...] simbolicamente uma reconciliação com aquilo que amedronta”<sup>30</sup>, no caso específico aqui, o sujeito feminino.

Não se pode renegar também outro fato histórico envolvendo a religião que foi a perseguição às bruxas, na grande maioria mulheres. Neste período, a mulher era vista como disseminadora do mal para a humanidade. Isto pode ser constatado, claramente, através da perseguição destas pela Igreja e pelo Estado, no período da “Santa Inquisição”, momento este em que milhares delas foram difamadas, desprezadas e exterminadas da sociedade.<sup>31</sup>

Seguindo a breve retomada dessa perspectiva, deve-se apontar o Concílio de Toledo, no século XII, onde previa que “[...] a mulher poderia ser castigada. Algumas notas no texto afirmam que o marido poderia bater em sua esposa, mas não subjugará-la a chibatadas como a um escravo. [...]”<sup>32</sup>

A história de violência contra a mulher na igreja, através de vários séculos, colaborou para que a discriminação e a violência contra a mulher permanecessem presentes até hoje na sociedade. [...] A igreja, através de sua teologia e interpretação bíblica tradicional colaborou para solidificar estes aspectos culturais que moldam o comportamento de homens e mulheres.<sup>33</sup>

Outros exemplos de inferiorização da mulher, salientados pela Igreja Católica, de acordo com Thomasset,<sup>34</sup> estão descritos na enciclopédia do Bispo Isidoro de Sevilha. Este torna evidente a função principal da mulher que é a perpetuação da espécie, ou seja, a maternidade. A maternidade passa a ser um dos principais papéis da mulher, ou melhor, uma imposição social, concomitantemente com as obrigações domésticas. Portanto, “A esposa, por intermédio da oração, santifica-se a si mesma e à sua família.”<sup>35</sup> O modelo a ser seguido era o de uma “[...] nora respeitosa, mulher fiel, mãe cuidadosa, avisada dona de casa, mulher

<sup>29</sup> GEBARA, 1990, p. 33.

<sup>30</sup> GEBARA, 1990, p. 33.

<sup>31</sup> ANGELIN, Rosângela. A “Caça as bruxas”: uma interpretação feminista. *Revista Espaço Acadêmico*. 5v, nº 53, out. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em: 10.07.2012.

<sup>32</sup> BERGESCH, in: NEUNFELDT, BERGESCH, PARLOW, 2008, p. 118-119.

<sup>33</sup> BERGESCH, in: NEUNFELDT; BERGESCH; PARLOW, 2008, p. 119.

<sup>34</sup> THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990. Vol. 2, p. 65.

<sup>35</sup> VECCHIO, Silvana. A boa esposa. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990. Vol. 2, p. 155.

irrepreensível sob qualquer ângulo.”<sup>36</sup> Percebe-se, assim, que a sexualidade da mulher era tolerada somente para fins de procriação.

De acordo com Busin, “a família é, para diversas tradições religiosas, um *locus* privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos.”<sup>37</sup> A família e a Igreja, portanto, são instituições que reproduzem modos de ser, de agir e de comportar específicos para as mulheres. Pode-se dizer, inclusive, que é nesse meio social que as identidades de gênero são constantemente produzidas e reproduzidas. Assim, tanto a religião, quanto a Bíblia “tocam os símbolos, as convicções e a produção de sentidos de vida. Ela atua na produção e na reprodução de sistemas simbólicos que têm influência sobre as relações sociais de gênero e na representação sócio-religiosa do masculino e do feminino.”<sup>38</sup>

Porém, apesar das influências muitas vezes negativas da religião cristã à vida e à identidade das mulheres, elas sempre resistiram e, em vários momentos, a própria escritura bíblica relata momentos de atuação, participação, influência social e de resistência das mulheres.

É evidente que “as religiões, assim como os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram, nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento.”<sup>39</sup> O presente e breve estudo pretende lançar um olhar diferenciado e, ao mesmo tempo, considerar o olhar dialético envolvendo feminismo e religião cristã. Nesse caminho, pretende-se refletir acerca de como a religiosidade influenciou a trajetória dos movimentos de resistência, bem como nos movimentos feministas e de mulheres.

A religião cristã apresenta uma contradição em si mesma, como aponta Gebara, com muita propriedade:

<sup>36</sup> VECCHIO, 1990, p. 143.

<sup>37</sup> BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. *Revista de Estudos da Religião*. V.11, n.1, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032/4378>>. Acesso em: 10.07.2012, p. 115 (grifos da autora).

<sup>38</sup> STRÖHER, Marga Janéte. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. *Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. 21 a 25 de janeiro de 2009. Belém: Brasil. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/055.pdf>>. Acesso em: 10.07.2012, p. 514.

<sup>39</sup> ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 14. n. 1. Florianópolis, Jan./Apr. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci_arttext)> Acesso em: 10. jul. 2012, p. 294.

[...] a religião encerra em si mesma um alto índice de contradição; Levando em conta que a mensagem das religiões, em geral, e de modo particular do cristianismo, é garantir a vivência humana a partir dos valores fundamentais de toda existência, parece contraditório que esses mesmos valores tenham podido gerar formas de cumplicidade com a violência social.<sup>40</sup>

Nesse viés, a religião patriarcal, com seus instrumentos de manutenção de uma realidade cultural estabelecida, passa a agir sob o enfoque controlador do corpo e da sexualidade feminina. Lagarde, ao se referir à influência da Igreja na manutenção e legitimação desta dominação estabelecida, destaca:

Las iglesias, em particular la católica, disputan el cuerpo, la sexualidad y la subjetividad de las mujeres mismas. Impulsan una cruzada política contra las mujeres y se oponen a los derechos de las mujeres con toda su autoridad y su poder terrenal y sagrado. Las iglesias y los grupos y estamentos poderosos y tradicionalistas se alían para impedir jurídica y políticamente el avance de las mujeres y la transformación desde una perspectiva democrática de género de las sociedades y las culturas. Contribuyen a delinear mentalidades misóginas y supremacistas<sup>41</sup>.

Lagarde nos remete a uma nova dimensão de pensamento ao pronunciar-se sobre a força controladora da igreja perante avanços na esfera dos direitos femininos. Fica evidenciada, inclusive, a influência da religião cristã no retardamento do debate, por exemplo, do direito das mulheres de decidirem sobre os seus corpos.

Os temas polêmicos, entretanto, como direito ao corpo e o combate da violência à mulher começam a ser evidenciados e discutidos, desta vez não somente com o enfoque patriarcal e controlador da igreja, mas embasado nas pautas reivindicatórias do movimento feminista. Desta forma, desencadearam importantes lutas tendo a maioria delas possibilitado um avanço significativo na luta pela emancipação das mulheres ousando trazer à tona debates acerca de questões estruturais que geraram e seguem gerando a opressão das mulheres, rumo a uma maior igualdade nas relações de gênero.

Ao mesmo tempo em que as igrejas cristãs, em sua grande maioria, assumem a discriminação da mulher, os próprios ensinamentos de Cristo apontam para um tratamento igualitário em dignidade para homens e mulheres, apontando que, “ao invés de ‘virtudes masculina’ da força, agressividade e dominação, o que devemos valorizar, acima de tudo são a responsabilidade mútua, a compaixão, a

<sup>40</sup> GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p.156.

<sup>41</sup> LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. Madrid: Horas y Horas, 2011, p. 21.

gentileza e o amor.”<sup>42</sup>

As igrejas cristãs possuem uma influência dicotômica no ocidente: ao mesmo tempo em que suas atitudes de opressão e menosprezo contra as mulheres geraram muita revolta e impulsionaram os Movimentos Feministas a se rebelarem, por outro lado, também estes foram e são influenciados pela teologia libertadora do cristianismo.

Sob o prisma da dignidade feminina e da luta embasada na vida cotidiana, ecoou no Brasil, juntamente com o Movimento Feminista, o Movimento de Mulheres com influência de igrejas cristãs e das pastorais sociais, ancoradas na Teologia da Libertação. O Movimento de Mulheres surge ancorado por demandas concernentes principalmente aos direitos de pequenos grupos de áreas específicas, como, por exemplo, o movimento de mulheres rurais, indígenas, negras e empregadas domésticas. Estes grupos, mesmo lutando por demandas e ações muitas vezes distintas, juntou-se ao Movimento Feminista, “[...] no final da década de 1970, para lutar por bandeiras comuns envolvendo a busca de direitos para as mulheres.”<sup>43</sup>

Não se pode olvidar da teologia feminista, que “[...] convida a uma reflexão séria sobre a maneira como os valores do Evangelho nos foram transmitidos e como continuamos a transmiti-los às novas gerações nas diferentes regiões em que vivemos.”<sup>44</sup> Pode-se afirmar, inclusive, que a religiosidade, influenciada pelos referenciais da teologia feminista permitiu dar novos significados para o debate acerca das relações humanas, envolvendo a temática das relações de gênero<sup>45</sup> e influenciando nas bandeiras tanto do Movimento Feminista como do Movimento de Mulheres que, ao mesmo tempo também influenciam na maneira atual de repensar a igreja e o cristianismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações humanas são construídas ao longo da história da humanidade, definindo identidades masculinas e femininas, através de relações de poder. Do patamar de deusas, as mulheres se tornaram objetos de pecado e de subordinação, sofrendo grande influência objetiva e subjetiva no mundo ocidental, da igreja cristã.

---

<sup>42</sup> EISLER, 2007, p. 183.

<sup>43</sup> ANGELIN, Rosângela; MADERS, Angelita Maria. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. In: **Cadernos de Direito**. Volume 10 – n. 19 – jul./dez. 2010. Piracicaba-SP: Editora Unimep, 2010, p. 92.

<sup>44</sup> GEBARA, 2010, p. 26.

<sup>45</sup> GEBARA, 2010, p. 26.

Percebe-se, entretanto, que ao mesmo tempo em que os evangelhos do Antigo e do Novo Testamento pregam a submissão das mulheres, os ensinamentos de Cristo voltam-se para valores tidos como femininos, ou seja: o cuidado e o amor para com o próximo, o perdão, a compreensão. Enfim, encontram-se passagens onde o próprio Cristo aproxima-se das mulheres tratando-as igualmente aos homens. Essa dicotomia envolvendo a opressão e, ao mesmo tempo, indicando a igualdade de tratamento entre homens e mulheres, acabou por influenciar o Movimento Feminista e de Mulheres que, com uma base cristã de formação, utilizaram tanto a opressão como a busca pela libertação para apregoarem uma vida melhor e isonômica entre homens e mulheres.

Aos poucos, com a propulsão do movimento feminista, a constituição de identidades masculinas e femininas passou a ser ressignificada. Assim, começa a luta pela modificação dos paradigmas culturais e sociais historicamente instituídos, na perspectiva de valorização do ser humano como um todo. Concomitantemente, surge também o Movimento de Mulheres que passam a reivindicar intencionalidades específicas<sup>46</sup> que vão ao encontro da qualidade de vida e reciprocidade nas relações humanas.

Pode-se arriscar a dizer, portanto, que a religião e a religiosidade tiveram influências significativas na trajetória dos movimentos de resistência das mulheres. Estes movimentos também contribuíram decisivamente para repensar as relações humanas numa perspectiva igualitária e mais digna dentro da própria igreja. A religiosidade, vista de forma positiva e com sentido libertário proporcionou condições de abrir os olhos e tornou perceptível que nós, homens e mulheres, “Não cabemos mais no modelo único, na dominação única, na verdade única, no amor como modelo único.”<sup>47</sup> Por isso, tornar visível a religiosidade, numa perspectiva mais ampla de sentido e como manifestação cultural, contribui diretamente para uma

---

<sup>46</sup> Para Gebara (2006), “[...] no centro da reflexão das teologias feministas está uma intencionalidade de base que se expressa na afirmação da dignidade feminina através de múltiplas formas. Essas teologias são marcadas pelos contextos diferentes em que nascem e por algumas problemáticas diferentes, dependendo do objetivo imediato perseguido. Costumo chamar esses objetivos específicos ou imediatos de intencionalidades específicas, visto que partem da preocupação de grupos específicos como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo, empregadas domésticas, etc.”. (ROSADO-NUNES, M.J. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. In: *Revista de Estudos Feministas*. Vol. 14. n. 1. Florianópolis, Jan./Apr. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci_arttext)> Acesso em: 10.07.2012, p. 298).

<sup>47</sup> GEBARA, 2010, p. 74.

visão emancipatória das relações humanas. “Ser *humanas* es la imprescindible clave feminista identitaria. Lo reitero, *humana* es la más bella palabra de nuestra lengua, cifra lo oculto, lo negado y silenciado.”<sup>48</sup>

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANGELIN, Rosângela; MADERS, Angelita Maria. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. In: **Cadernos de Direito**, Piracicaba, Volume 10, n. 19, jul./dez., 2010.

ANGELIN, Rosângela. A “Caça as bruxas”: uma interpretação feminista. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, 5v, n. 53, out. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em 10.07.2012.

BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUNFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara [Orgs.]. **Epistemologia, violência e sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. **Revista de Estudos da Religião**. V. 11, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032/4378>>. Acesso em: 10.07.2012.

EISLER, Riane. **O prazer Sagrado**: sexo, mito e política do corpo. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 1996.

\_\_\_\_\_. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

<sup>48</sup> LAGARDE, 2011, p. 31 (grifos da autora).

\_\_\_\_\_. GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos**. Antologia de Textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

GUTTMANN, Amy. Introdução. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Madrid: Horas y Horas, 2011.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. Tradução Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 14. n. 1. Florianópolis, Jan./Apr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100016&script=sci_arttext) Acesso em: 10.07.2012.

RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista**. Tradução: Walter Altmann, Luís Marcos Sander. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da [Org.]. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIDEKUM, Antônio. Alteridade e interculturalidade. In: SIDEKUM, Antônio [Org.]. **Alteridade e multiculturalismo**. Coleção Ciências Sociais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

STRÖHER, Marga Janéte. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. **Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação**. 21 a 25 de janeiro de 2009. Belém: Brasil. Disponível em: <http://www.wftl.org/pdf/055.pdf>. Acesso em: 10.07.2012.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. A Idade Média. Vol. 2. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

VECCHIO, Silvana. A boa esposa. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. A Idade Média. Vol. 2. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

*Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1455-1468

WOLF, Susan. Comentário. In: TAYLOR, Charles [Org.]. **Multiculturalismo:** examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.